

FICHA TÉCNICA

Título Dicionário de História da I República e do Republicanismo. Volume III – N-Z

Coordenação científica

Ana Paula Pires (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Cordeiro (Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores)
David Luna de Carvalho (Centro de Estudos de História Contemporânea do ISCTE)
Ernesto Castro Leal (Centro de História da Universidade de Lisboa)
Hélder Adegar Fonseca (NICPRI – Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais)
Manuel Loff (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
Maria Fernanda Rollo (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)
Paulo Fontes (Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa)
Rui Ramos (Instituto de Ciências Sociais)
Vitor Neto (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra)

Coordenação geral

Maria Fernanda Rollo (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)

Edição Assembleia da República – Divisão de Edições

Revisão e índices Assembleia da República – Divisão de Edições (Conceição Garvão, Maria da Luz Dias, Noémia Bernardo, Paula Crespo, Susana Oliveira, Teresa Fonseca)

Capa e design Nuno Timóteo

Paginação e pré-impressão Textype e Ana Rita Charola
Impressão Raínho & Neves, Lda

Tiragem 600 exemplares

ISBN 978-972-556-556-8 (obra completa)

ISBN 978-972-556-559-9 (volume III)

Depósito legal 366 586/13

Lisboa, outubro 2014

© Assembleia da República

Direitos reservados nos termos do artigo 52.º da lei n.º 28/2003, de 30 de julho.

www.parlamento.pt

Intr

Text

Índi

Índi

Índi

Índi

Índi

Índi

Índi

ogia
ico-
ior-
e de
orto.
cre-
u e
rios
Foz
ogia
de
ica.
ogia

NOGUEIRA, JOSÉ FÉLIX HENRIQUES (1823-1858)

Este intelectual da Geração de 48 nasceu na Bolegueira, freguesia de S. Pedro de Dois Portos, do então concelho da Ribaldeira («termo» de Torres Vedras). Desde cedo tornou-se num semiautodidata, tendo sido aluno do Liceu de Lisboa, onde frequentou disciplinas como as Línguas Grega, Inglesa e Alemã. Não teve acesso à universidade, mas isso não o impediu de se tornar num excelente escritor, dotado de uma formação cultural europeia. Leitor da elite culta mais avançada ideologicamente, viajou pela Europa (Inglaterra, Alemanha, França e Espanha), facto que lhe permitiu rasgar os horizontes culturais e mentais.

A sua ligação à Maçonaria era uma realidade e também estabeleceu relações amistosas com vultos da nossa cultura oitocentista como Alexandre Herculano, que o inspirou na sua adesão às teses municipalistas, e a António Feliciano de Castilho, que o ajudou a optar pela solução agriculturalista para resolver os problemas da economia do nosso país, e a Silvestre Pinheiro Ferreira, mestre das questões jurídicas. Tinha também afinidades ideológicas com membros da sua «Geração» como Lopes de Mendonça, Sousa Brandão, Vieira da Silva, Marcelino de Matos e outros. Atento ao movimento de ideias europeu, escreveu sobre Raspail, Ledru-Rollin, R. Blum, R. Cobden, Victor Hugo, General Pepe, David (de Angers), D. Mannin e Kossuth, heróis dos movimentos revolucionários europeus de 1848, os quais funcionavam como figuras míticas desses tempos heroicos.

Leitor dos socialistas utópicos (Charles Fourier, Robert Owen e outros), ou dos socialistas reformistas, como Louis Blanc, não deixou de estar atento a Lamartine e a diversos membros de vanguarda da Paris revolucionária de 1848. De todos colheu ensinamentos para a elaboração do seu projeto utópico para Portugal, assente, como se sabe, nas ideias de república, democracia, municipalismo, associação, socialismo e federalismo ibérico.

Só a sua morte prematura em 1858, com apenas 35 anos, interrompeu o labor intelectual do autor que, mesmo assim, nos deixou os *Estudos sobre a Reforma em Portugal* (1851), *O município do século XIX* (1856), o *Almanaque democrático*, em quatro volumes e o *Almanaque do cultivador*, em dois volumes, dez capítulos dispersos por vários números do *Arquivo Pitoresco* e o inacabado livro de memórias, *Recordações de viagem*. Colaborou, ainda, na *Revista Peninsular* e foi proprietário e redator do jornal *O Progresso*, em cujas colunas combateu a «política de melhoramentos materiais» da Regeneração e se envolveu numa polémica com o padre Rodrigo de Almeida sobre a questão do iberismo. Quando faleceu teria deixado o manuscrito inédito intitulado *Catecismo democrático* e elementos para um trabalho em preparação designado *Ibéria histórica*. Nunca foi possível encontrar o espólio deste autor justamente qualificado por Joel Serrão como «uma das personalidades-chave dos meados do século XIX».

Intelectuais posteriores, como Antero de Quental, Teófilo Braga, Júlio de Matos, Silva Lisboa, Rafael Bordalo Pinheiro e outros não deixaram de refletir e de escrever sobre o ideólogo cosmopolita e, em 1881, um grupo de republicanos da capital fundou o Clube Henriques Nogueira, em homenagem à memória do «ilustre fundador da moderna democracia portuguesa». Posteriormente e, ao longo de sucessivas gerações de intelectuais, o interesse pela sua obra renasceu e deu origem ao aparecimento de estudos sobre o seu pensamento, como os de Joaquim de Carvalho, nos inícios da década de 30 do século passado, ou de ensaios, como os de Piteira Santos, Luís de Albuquerque, de sínteses interpretativas, como as de Victor de Sá, ou de breves e pertinentes análises, como as de José Augusto França, Oliveira Marques e Carlos da Fonseca.

Bibliografia: CARVALHO, Joaquim de, «Correntes ideológicas – Henriques Nogueira – socialismo, federalismo e unitarismo», in MACHADO, Luís Montalvor (dir.), *História do regime republicano em Portugal*, Lisboa, 1930; NETO, Vítor, *As ideias políticas e sociais de José Félix*

Henriques Nogueira, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Torres Vedras, 2005;
NOGUEIRA, José Félix Henriques, *Obra completa*, 3 tomos, edição org. por António Carlos Leal
da Silva, Lisboa, INCM, 1976, 1979, 1980.

[Vitor Neto]

ses
e o
que
nia
cha